

Estratégias referenciais em uma narrativa sobre o convívio com a Doença de Alzheimer

*Referential strategies in a narrative about living with Alzheimer's disease**

Caio Mira **

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil

Marta Helena Facco Piovesan ***

Universidade Estadual do Maranhão, Balsas, MA, Brasil

Resumo: A Doença de Alzheimer é uma síndrome demencial que altera processos neurológicos, cognitivos e interacionais na população idosa. Desinformação, falta de preparo e apoio aos familiares são alguns fatores que complicam ainda mais as formas de compreensão e enfrentamento no convívio e na rotina de cuidados às pessoas acometidas por essa doença. Diante desse panorama, existem Grupos de Apoio que promovem a socialização de informações e oferecem um espaço onde os familiares cuidadores possam compartilhar as experiências de cuidado e convívio com pessoas portadoras da Doença de Alzheimer. É neste domínio empírico que o presente trabalho objetiva evidenciar as estratégias referenciais envolvidas na construção de objetos de discurso e no desenvolvimento do tópico em uma narrativa proveniente das interações do Grupo de Apoio. Para alcançarmos esse objetivo, a abordagem teórica deste trabalho está fundamentada na perspectiva textual-interativa, desenvolvida na interface entre a Linguística Textual e a Análise da Conversação. Nossas análises demonstram que os rótulos podem propiciar uma compreensão mais apurada da centração tópica e sua relação com os aspectos interacionais de contextos de uso de fala marcados por uma delimitação institucional.

Palavras-chave: Doença de Alzheimer. Interação. Grupo de apoio. Objetos de discurso.

Abstract: Alzheimer's disease is a dementia syndrome altering neurological processes, cognitive and interactional in the elderly population. Misinformation, lack of preparation and support to family members are some of the factors that further complicate the ways of understanding and coping in the conviviality and in routine care for people affected by this disease. Given this scenario, there are support groups that promote the socialization of information and offer a space where the family caregivers can share the experiences of care and living with people with Alzheimer's disease. It is in this empirical field that the present work aims to highlight the referential strategies involved in the construction of objects of discourse and the development of the topic in a narrative from the

* Agradecemos ao CNPq pelo auxílio-pesquisa obtido por meio do Edital MCTI/CNPq Universal n.º 01/2016 (Processo n.º 400594/2016).

** Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS; cmira@unisinos.br

*** Doutoranda em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Professora da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Balsas, MA; martahtpiovesan@hotmail.com

interactions of the Support Group. To achieve this goal, the theoretical approach of this study is based on the textual-interactive perspective, developed at the interface between the linguistic and textual analysis of conversation. Our analysis shows that the labels can provide a better understanding of the topical concentration and its relationship with the aspects of interactional contexts of use of speech marked by an institutional boundary.

Keywords: Alzheimer disease. Interaction. Support group. Objects of discourse.

1 INTRODUÇÃO

As práticas conversacionais constituem um locus privilegiado tanto para a análise da conversação e de sua natureza linguístico-discursiva, quanto também para a observação dos fenômenos de ordem social e semântica imbricados no entendimento das relações entre linguagem e organização social em grupo. Esta é a premissa, de cunho interacional, que sustenta o presente trabalho, dedicado à análise de excertos de uma narrativa das interações de um Grupo de Apoio aos familiares cuidadores de pessoas acometidas pela Doença de Alzheimer (doravante DA).

O objetivo do presente trabalho é evidenciar as estratégias referenciais envolvidas na construção de objetos de discurso e no desenvolvimento do tópico em uma narrativa sobre a convivência com a DA. Considerando que a conversação é uma prática múltipla e complexa, que abarca simultaneamente as dimensões sociais, interativas, pragmáticas e discursivas circunscritas no uso da linguagem, o enfoque teórico-analítico utilizado neste artigo é a perspectiva textual-interativa. Esse enfoque possibilita analisar de forma consistente as marcas textuais da construção do discurso no fluxo interacional da conversação (Jubran, 2006a). A perspectiva textual-interativa congrega os princípios da Linguística Textual, de enfoque linguístico-pragmático, e da Análise da Conversa de base etnometodológica.

Por isso, julgamos que é pertinente ressaltar algumas diferenças essenciais entre a Análise da Conversação de orientação textual-interativa (doravante AC), que se desenvolveu no Brasil a partir do arcabouço teórico-metodológico da Linguística Textual, e a Análise da Conversa Etnometodológica (doravante ACE), fundamentada na tradição da pesquisa sociológica anglo-americana.

Um dos principais pontos de distinção entre a AC praticada no Brasil e a ACE de tradição anglo-americana é o papel da linguagem no aparato teórico-metodológico desses dois campos. Enquanto na ACE o cerne é a compreensão das ações e dos fatos sociais na perspectiva do falante e a partir do uso da linguagem, na AC a linguagem ocupa uma posição central. Assim, a ACE busca analisar as ações mediante a linguagem e a AC busca compreender a linguagem e suas diversas formas de organização na cena interativa (Marcushi, 1998; Mira, 2016).

No âmbito do presente trabalho, a justificativa para a escolha da perspectiva fundamenta-se no caráter interativo da atividade discursiva da AC brasileira e recai na possibilidade de abarcar analiticamente o caráter interativo da atividade discursiva, que se torna evidente no processo de manutenção tópica e no partilhar de conhecimento entre os participantes de uma interação e o esforço cognitivo do coenunciador no sentido de produzir inferências; enfim a disposição para negociar o sentido (Koch; Penna, 2006).

Consideramos a conversa no interior de quadros sociais mais explícitos que, ao mesmo tempo, dão forma e conteúdo às ações comunicativas. Um dos pontos norteadores dos objetivos do presente texto é a especificidade das interações conversacionais em grupo, e, sobretudo, a relevância social de Grupos de Apoio aos familiares e cuidadores. Por esse motivo, ressaltamos as configurações sociais e interativas dos grupos que ancoram as condições singulares e intersubjetivas em que os participantes estão inseridos para produzirem significações.

A contribuição que análises dessa natureza pode proporcionar não é somente a compreensão dos fenômenos textuais-interativos da conversação, mas também da DA, e do convívio com uma condição de saúde complexa e ainda pouco compreendida em nossa sociedade.

Do ponto de vista neuropsicológico, a Doença de Alzheimer é uma síndrome demencial que corresponde a dois terços das demências diagnosticadas em idosos (Izquierdo, 2002). Trata-se de uma doença progressiva que afeta processos cognitivos, mnêmicos, linguísticos, práxicos e gnósticos. Caracteriza-se pela hipersecreção de uma proteína chamada *Beta-Amilóide* por neurônios afetados. Essa proteína é produzida normalmente pelas células nervosas, porém, na doença, isso ocorre de forma exagerada, causando vacúolos de tamanho crescente fora das células neuronais que, ao se juntarem, determinam a morte dos neurônios que as rodeiam. De acordo com a definição extraída do CID-10 (1993):

a Doença de Alzheimer é uma doença cerebral degenerativa primária de etiologia desconhecida com aspectos neuropatológicos e neuroquímicos característicos. O transtorno é usualmente insidioso no início e se desenvolve lenta mas continuamente durante um período de vários anos.

FLP 19(2)

Em relação aos problemas de linguagem na DA, na primeira fase (2 a 10 anos após a incidência), seriam identificados déficits na atividade de nomeação, repetições, circunlóquios, uso expressivo de dêiticos e de estruturas sintáticas consideradas “simples”, sem déficits expressivos no processamento fonológico. A produção da linguagem é geralmente normal no nível da articulação sem alterações de linguagem no nível articulatório, ainda que as pausas e as hesitações sejam consideradas recorrentes. Segundo Huff, Corkin e Growdon (1988), a segunda fase seria caracterizada pela deterioração expressiva tanto do processamento semântico quanto do sintático.

Nessa fase, as pessoas com DA apresentam tendência a parafasias¹ semânticas. No que diz respeito ao processamento sintático, há uma progressão na dificuldade de compreender orações simples e complexas. Observa-se nesse estágio também uma crescente tendência para a produção de parafasias fonológicas, além de um maior comprometimento da escrita. O estágio final, entre 8 e 12 anos após a incidência da doença, é caracterizado pela dissolução quase completa do sistema linguístico, tanto em termos de produção, quanto de compreensão da linguagem (Morato, 2012).

¹ Basicamente, parafasia consiste na substituição de uma palavra-alvo (aquela pretendida pelo indivíduo) por uma outra com sons ou sentidos semelhantes.

A DA não altera apenas estruturas neurológicas e funções mentais variadas, mas, sobretudo, as relações entre linguagem e interação, relacionadas intrinsecamente ao mundo social e ao mundo mental do indivíduo. Isso faz com que não apenas funções mentais sejam alteradas isoladamente, mas toda a organização simbólica das práticas sociais cotidianas nas quais os indivíduos se envolvem. Dentre essas práticas sociais afetadas pela DA, talvez a conversa cotidiana seja o primeiro sinal de declínio das funções neurológicas e cognitivas. Não é preciso estender o quadro sintomático da DA para constatar que as relações sociais do indivíduo acometido pela patologia e, também, das pessoas próximas a ele são afetadas diretamente. Desinformação, falta de preparo e apoio são alguns fatores que complicam ainda mais esse quadro. Diante desse panorama, os impactos da DA desencadeiam:

novos discursos e novas práticas sociais surgem em uma sociedade na qual a perda da memória e da cognição humana têm implicações de diversas ordens. Constroem-se outros discursos científicos, além do biomédico, e cotidianos sobre a demência e sobre o envelhecimento, sobre normal e patológico; novas formas de organização da sociedade são criadas para integrar a categoria “portador de Alzheimer”, como novas instituições para idosos com neurodegenerescência, associações para cuidadores e familiares e novas categorias como “cuidador”, “tutor”, “Alzheimer jovem”, “familiar de um Alzheimer”, “familiar Alzheimer”. (Cruz, 2008, p. 45)

São justamente as novas formas de organização da sociedade para lidar com a realidade da DA que abordaremos nesse artigo. Vale ressaltar que as diferentes abordagens acerca da DA se intensificaram nos últimos anos. O envelhecimento da população mundial é um fenômeno real que demanda planejamento de políticas públicas de saúde, de sustentabilidade financeira dos sistemas previdenciários e, sobretudo, a criação de condições que promovam a funcionalidade, a autonomia e o cuidado aos idosos. Considerando a complexidade do quadro da desigualdade social brasileira, existem dados que confirmam o visível aumento da população idosa no país. Veras (2009) demonstra que entre o período de 1960 a 1975 o tamanho da população idosa no Brasil mais que duplicou, passando de 3 para 7 milhões de indivíduos. Ainda segundo o mesmo autor, o número de idosos no país em 2008 era de 20 milhões. Projeções indicam que em 2020 o Brasil será o sexto país mais idoso do mundo, com uma população superior a 30 milhões de pessoas (Carvalho; Garcia, 2003).

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 1993) evidenciam um panorama alarmante sobre a prevalência epidemiológica da Doença de Alzheimer no cenário de envelhecimento da população mundial. Em 2010, estimativas demográficas apontavam que 35,6 milhões de pessoas no mundo são acometida pela DA, sendo que a projeções estatísticas apontam que esse número pode dobrar a cada 20 anos. Assim, é possível que em 2030, cerca de 65,7 milhões de pessoas tenham a Doença de Alzheimer, e que em 2050 esse número chegue a 115,4 milhões (Burlá et al., 2013).

Os estudos de Camarano e Kanso (2009) confirmam que a única faixa populacional com taxas positivas de crescimento é a população acima de 45 anos. Essa tendência demográfica ocorre no Brasil desde 1980 e apresenta uma projeção de crescimento acentuada até 2020, demonstrando que o superenvelhecimento da população brasileira é um fato real e que tem contornos semelhantes ao

envelhecimento populacional já ocorrido no Japão. Nas capitais brasileiras, entre 2000 a 2009, a mortalidade causada pela Doença de Alzheimer e suas comorbidades foi responsável pelo óbito de 8,4 % das mulheres e 7,7% dos homens na faixa etária de pessoas entre 60 a 79 anos. Já no grupo etário de pessoas a partir dos 80 anos, esse índice ainda é maior, alcançando 15,5% das mulheres e 14% dos homens (Teixeira et al., 2009).

Diante de dados demográficos e epidemiológicos tão contundentes, a questão do enfrentamento da Doença de Alzheimer torna-se bastante relevante. Receber esse diagnóstico é um fator que desencadeia um cenário de dúvidas e incertezas principalmente no que tange à rotina de convivência e cuidados às pessoas com DA. Nesse sentido, o espaço de compartilhamento de experiências e informações proporcionado pelo Grupo de Apoio tem um papel social relevante, pois pode auxiliar a melhoria nos cuidados de saúde de quem é acometido pela doença, e também fornecer apoio psicológico a familiares e cuidadores.

Ao elegermos esse domínio empírico para este trabalho, pretendemos contribuir para a possível difusão do conhecimento desta realidade, um terreno onde estudos aplicados da linguagem podem contribuir ao produzir conhecimento útil a respeito de um cenário cada vez mais visível em nossa sociedade: o aumento da incidência da DA e o convívio com essa doença. Além disso, esse domínio empírico constitui um locus peculiar de análise, em função de fatores que constituem qualquer grupo, tais como: a organização interativa e social, a relevância e a heterogeneidade, o que pode indicar um novo caminho para que a Linguística Textual e a Análise da Conversação explorem as dimensões textuais, semânticas e sociocognitivas que constituem do texto oral em situações de interação em grupos socialmente organizados.

FLP 19(2)

2 REFERENCIAÇÃO E OS OBJETOS DE DISCURSO

A abordagem sociocognitiva da linguagem considera que os processos cognitivos, entre eles a linguagem, emergem na interação social. Assim, temos uma relação de: mundo – linguagem – mente, pois

as ações verbais são ações conjuntas, ou seja, usar a linguagem é sempre se engajar em alguma ação na qual a linguagem é o meio e o lugar onde a ação acontece necessariamente em coordenação com os outros. (Koch; Cunha-Lima, 2004, p. 285)

Na abordagem sociocognitiva da linguagem, a referenciação é um fenômeno de natureza semântico-discursiva em que é possível observar a emergência de processos de significação, que evidencia as relações entre linguagem, cognição e interação. A referenciação representa um deslocamento da clássica questão da referência, por considerar que os processos semânticos não são frutos apenas de uma relação entre as palavras e as coisas e que a construção de referentes no discurso não ocorre somente pela seleção de objetos definidos a priori do uso da linguagem. Pelo contrário, é durante o desenvolvimento da atividade discursiva que emergem os objetos a que o próprio discurso remete (Mondada; Dubois, 2003). Os “objetos de discurso não preexistem naturalmente à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos

falantes, mas devem ser concebidos como produtos – fundamentalmente culturais – desta atividade” (Apothéloz; Reichler-Béguelin, 1995² apud Koch, 2005, p. 34).

Os objetos de discurso são constituídos na e pela atividade interativa, seja ela por meio de textos escritos, orais ou na conversação face a face, sendo dinâmicos e passíveis de serem (re)configurados semântica e discursivamente. De acordo com Mondada (1994³ apud Koch, 2004, p. 79), o objeto de discurso

Caracteriza-se pelo fato de construir progressivamente uma configuração, enriquecendo-se com novos aspectos e propriedades, suprimindo aspectos anteriores ou ignorando outros possíveis, que ele pode associar com outros objetos ao integrar-se em novas configurações, bem como articular em partes suscetíveis de se autonomizarem por sua vez em novos objetos. O objeto se completa discursivamente.

A noção de objetos de discurso rompe com a concepção de a linguagem ser apenas uma forma de nominalizar, de *etiquetar* os objetos no mundo, por situar a linguagem e as atividades de significação como atividades cognitivas e sociais que constituem a realidade humana. Conforme postula Koch (2008, p. 101),

os objetos de discurso são dinâmicos, isto é, uma vez introduzidos, vão sendo modificados, desativados, reativados, recategorizados, de modo a construir-se ou reconstruir-se o sentido no curso da progressão textual.

Em consonância com a perspectiva textual-interativa, a autora acrescenta que a referenciação tem sido entendida como um processo constituído na atividade discursiva e que resulta na construção de objetos de discurso.

Dessa forma, o ato de referenciar e a construção de objetos de discurso constituem uma ação interativa que é protagonizada pelos interactantes à medida que vão elaborando o discurso. Os referentes são gerados no interior do discurso, introduzidos, conduzidos, retomados, identificados no texto, modificando-se à medida que o discurso se desenrola, por meio de estratégias específicas de referenciação (Jubran, 2003).

Marcuschi e Koch (2006, p. 21) postulam que são dois os processos gerais que explicam a construção e a progressão do texto: a progressão referencial e a progressão tópica. A progressão referencial tem a ver com a introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais que formam as cadeias referenciais. A progressão tópica tem a ver com o assunto tratado no texto. No que diz respeito à relação entre esses processos o autor entende que

se a continuidade referencial serve de base para o desenvolvimento de um tópico, a presença de um tópico oferece tão somente as condições possibilitadoras e preservadoras da continuidade referencial, mas não as garante. (Marcuschi; Koch, 2006, p. 22)

² Apothéloz D, Reichler-Béguelin MJ. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: Berrendonner A, Reichler-Béguelin MJ, organizadores. Du syntagme nominal aux objets-de-discours. Neuchâtel: Université de Neuchâtel Institute de Linguistique; 1995. p. 142-173.

³ Mondada L. Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir. Approche linguistique de la construction des objets de discours. [thèse]. Lausanne: Université de Lausanne, Faculté de Lettres; 1994.

Dentre as estratégias referenciais, a rotulação promove a recategorização de informações por meio de predicções que exercem uma dupla função: a retomada anafórica e o aporte de novas informações. Tais funções exercidas pela rotulação promovem a reinterpretação daquilo que já foi dito e também a progressão da cadeia referencial do desenvolvimento tópico (Marcuschi; Koch, 2006).

Nessa perspectiva, a rotulação, além de ser uma estratégia de recategorização lexical/referencial, também atua como um recurso coesivo que possibilita o enunciador ativar as

características de determinado objeto de discurso e buscar as que são partilhadas com seu interlocutor no intuito de empregar um rótulo que acredita ser o mais adequado, aquele que categoriza melhor o objeto produzido. (Esteves, 2009, p. 151)

A rotulação faz uso de uma forma nominal para retomar anaforicamente um objeto de discurso, ativando, assim, o conhecimento de mundo dos interlocutores a respeito dos referentes mencionados na conversação.

De acordo com Koch (2008), a rotulação é uma estratégia textual de produção de sentido que utiliza expressões nominais como um recurso para a construção e reconstrução de objetos de discurso. Esses sintagmas nominais são relevantes na medida em que desempenham funções textuais que rotulam uma parte do cotexto e criam um novo referente textual. Dessa forma, surge um novo objeto na memória do interlocutor apresentado no texto operando uma refocalização da informação contextual que sofre uma função predicativa: “O rótulo vai categorizar o segmento resumido de uma certa maneira, de acordo com a avaliação que o locutor faz do conteúdo ou de sua enunciação” (Koch, 2008, p. 105). Os rótulos atuam no texto conversacional como elementos responsáveis pela coesão do texto conversacional no encadeamento tópico, além de contribuir para a organização textual e argumentativa da conversação.

No âmbito da perspectiva textual-interativa, é fundamental que o produto linguístico seja abordado a partir das marcas que os fatores interacionais imprimem na superfície textual (Jubran, 2006a). A abordagem textual-interativa conforme é desenvolvida nos estudos do Projeto da Gramática do Português Falado (PGPF), particularmente nos estudos empreendidos por Jubran (2006b), apresenta uma tendência em atribuir um maior peso à dimensão textual do que à dimensão interativa para conceituação do tópico como uma categoria analítica. A autora justifica tal posicionamento em função

do estabelecimento de traços que definam uma categoria analítica operacionalizável com alguma segurança e objetividade na identificação de unidades textuais. (Jubran, 2006b, p. 91)

Especificamente, o peso interacional do enfoque de tópico discursivo denomina o envolvimento conjunto dos interlocutores na produção de um texto e não como o fator de demarcação tópica.

A opção de dar maior ênfase ao caráter textual do tópico, isto é, direcionar a análise para as marcas textuais salientes nas situações conversacionais, minimiza o intuitivismo do analista para delimitação dos pontos de formação tópica em textos

orais. Esse posicionamento, tal como é defendido por Jubran (2006b), resulta em uma maior segurança metodológica na etapa de análise do nosso corpus. Outra justificativa para ênfase da dimensão textual recai justamente nas propriedades que definem a noção de tópico como uma categoria analítica. São duas as suas propriedades, segundo a autora: *centração* e *organicidade*.

A propriedade de *centração* assume um papel fundamental para definição de tópico, pois é por meio dela que é possível identificar na dinamicidade da conversa os referentes textuais mais recorrentes que compõem um conjunto de semelhanças temáticas. Para isso, a propriedade da *centração* abrange três traços: a *concernência*, a *relevância* e a *pontualização*. A especificidade de cada um dos traços na propriedade da *centração* é a seguinte:

- a) *concernência*: relação de interdependência semântica entre os enunciados de um segmento textual – implicativa, associativa, exemplificativa ou de outra ordem, pela qual se dá a integração desses enunciados em um conjunto específico de referentes (objetos de discurso);
- b) *relevância*: proeminência desse conjunto decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos;
- c) *pontualização*: localização desse conjunto, tido como focal em determinado momento do texto falado. (Jubran, 2006b, p. 92)

Os traços da propriedade de *centração* visam delinear o tópico em sua materialidade textual, ou seja, apreender o conjunto de referentes dispostos na superfície do texto que apresentem entre si uma dada simetria temática. A propriedade de *centração* e seus traços são os instrumentos que permitem identificar com maior clareza (de forma menos intuitiva) o tema ou o assunto que emerge na conversação, estando relacionada à dimensão textual da noção de tópico discursivo. Jubran (2006a) salienta que a *concernência* e a *relevância* são os traços imprescindíveis para precisar a *centração* tópica, enquanto a *pontualização* é o traço que permite localizar os limites de um segmento tópico num determinado momento da conversa.

Já a segunda propriedade da noção de tópico, a *organicidade*, diz respeito às relações de dependência tanto no plano intratópico, quanto no plano intertópico. É a propriedade de *organicidade* que permite estabelecer a abrangência dos tópicos. A *organicidade* abrange o:

- a) [...] plano hierárquico conforme as dependências de super-ordenação e sub-ordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto;
- b) no plano linear, de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposições de tópicos diferentes na linha do discurso. (Jubran, 2006b, p. 94)

O plano hierárquico configura uma relação de ordenação dos tópicos, uma relação vertical em que um tópico maior se ramifica em tópicos menores em função da abrangência referencial e temática. A organização hierárquica é o que permite ao analista formar os *quadros tópicos* (QT). As condições necessárias para a elaboração de um QT, segundo a autora, são: “a *centração* mais abrangente e focal de um tópico (supertópico – ST), numa porção maior do texto; a divisão desse ST em tópicos coconstituintes (subtópicos – SBT)” (Jubran, 2006b, p. 96). A respeito da relação de interdependência tópica no nível vertical, a autora menciona que no âmbito das

pesquisas do Grupo do PGPF foi enfatizado inicialmente que a organização dos tópicos ocorria por meio de relações intertópicas, porém, tal constatação foi revista em análises posteriores.

A organização tópica também ocorre num plano linear, pois “os segmentos tópicos, tomados individualmente, deixam transparecer uma estruturação interna, através de marcas constatadas no início, meio e fim dos segmentos” (Koch; Urbano; Jubran, 1992, p. 392). As marcas de estruturação internas indicam a organização intratópica, isto é, o plano linear da organicidade. As relações entre os tópicos na linearidade discursiva ocorrem por meio de dois fenômenos: a *continuidade* e a *descontinuidade*. A continuidade decorre da organização sequencial dos tópicos – quando a abertura de um tópico ocorre após o fechamento de outro. No outro extremo, a descontinuidade ocorre em três casos: (i) pela suspensão definitiva de um tópico, quando a inserção de um novo tópico implica no encerramento de um tópico antecedente; (ii) pela cisão de tópico em partes que se apresentam de forma não-adjacente; (iii) pela expansão posterior de um tópico apenas anunciado anteriormente (Jubran, 2006b). Os mecanismos da organização intratópica manifestam-se em algumas estratégias de construção textual, das quais podemos destacar os processos referenciais mobilizados na construção dos objetos de discurso.

3 ANÁLISE DO DADO

3.1 Uma breve contextualização

O Grupo de Apoio (doravante GA) constitui um espaço de convivência e troca de experiências de familiares e cuidadores a respeito do cotidiano vivenciado com uma pessoa com Doença de Alzheimer. O objetivo é oferecer a oportunidade de socialização de informações e ser um lugar onde os familiares cuidadores possam compartilhar as experiências de cuidado e convívio com pessoas portadoras de DA. A troca de experiências dos familiares tem o intuito maior de esclarecer dúvidas a respeito da doença para superar dificuldades e descobrir novas formas de lidar com o novo cotidiano desencadeado pelos sintomas, diagnósticos e cuidados requeridos pela DA.

Nesse sentido, o GA proporciona um ambiente em que os familiares encontram outras famílias que passam pela mesma situação. Isso favorece a discussão conjunta de estratégias que minimizem o sofrimento e garantam maior qualidade de vida, tanto para quem exerce o papel de cuidador como também para o familiar com DA que é assistido. Os membros do GA são familiares próximos de portadores de Alzheimer e que, geralmente, desempenham o papel de cuidador. Além dos familiares, o grupo é liderado por um médico neurologista que orienta as reuniões, introduzindo tópicos, instigando o compartilhamento de experiências e esclarecendo formas de intervenção terapêuticas. Os encontros são mensais e têm duração de aproximadamente três horas.

A estrutura interativa dos encontros é dividida em dois momentos. O primeiro deles consiste em pequena palestra informal em que o médico aborda o funcionamento do cérebro (plasticidade cerebral, a perda de neurônios, a proteína *Beta-Amilóide*, etc.), os quadros demenciais, os sintomas de algumas demências e do

Alzheimer e os avanços da medicina para o tratamento dessas doenças. O segundo momento é marcado pelo relato dos familiares a respeito das dificuldades enfrentadas no convívio com o Alzheimer. O médico neurologista solicita que os integrantes tomem a palavra e narrem as situações vividas com seu familiar. Os tópicos dessas narrativas, na maior parte das vezes, são relacionados à mudança comportamental da pessoa com DA, ao novo cotidiano da família após o diagnóstico e às estratégias de cuidado.

Os dados transcritos abaixo são excertos de narrativa de FG, que assumiu o papel de cuidador de sua mãe, diagnosticada recentemente com DA. O tópico predominante da interação é os sintomas identificados por FG no comportamento cotidiano de sua mãe, que desencadeia sua narrativa. Durante a narrativa, MN (o médico neurologista) solicita a especificação de alguns comportamentos no convívio com DA. Ao participar dessa forma, MN assume um papel significativo na narrativa e na construção dos objetos de discurso.

Os critérios de escolha dos dados foram a recorrência de tópicos que abarcam os comportamentos da pessoa com DA, em sua fase inicial ou logo após o diagnóstico neurológico, e a presença de narrativas completas iniciadas por esses tópicos. O sistema de notação utilizado na transcrição dos dados tem como base as notações já utilizadas nos estudos do projeto NURC e marcações proposta no trabalho de Marcuschi (1998) e adaptado por Mira (2012, 2016).

Excerto 1

1 FG: pra finalizá:: né antes disso aconteceu um episódio[da:]
 2 MN: [isso
 3 é] bem recente, né:?
 4 FG: nã::o isso foi essa [semana]
 5 MN: [foi bem] pouco tempo
 6 FG: eu cheguei do shopping com ela agora::
 7 numa situação... uma normalidade...
 8 como se na::da tinha tivesse acontecido
 9 MN: ela entra ahh ela vai ao consultório sozi:nha:
 10 ela entra bem composta, bem vestida?
 11 (.)
 12 FG: ahh cuida da limpeza do do apartamento e tudo tá
 13 sempre limpo bonito mas ela tem esses piques assim
 14 ela fica nisso uns dois ou três dias
 15 e depois entra numa normalidade que tu acaba
 16 achando que tu que é o culpa::do
 17 e ela tem razão: de tudo que ela tá dizendo=
 18 = e muitas os
 19 comentários dela serão pertinentes sobre política sobre
 20 [as coisas] sobre a casa...
 21 ...o que faz com que essas pessoas duvidarem mesmo::...
 22 FG: por isso (SI)
 23 MN: e achar que todo mundo tá conspirando contra ela né::?
 24 FG: ...isso nos traz em um determinado momento que foi a
 25 maior dificuldade que tive assim de tomar ação em cima
 26 disso...
 27 ...sim...
 28 FG: por que até que ponto pô minha mãe!será que::...

FLP 19(2)

O Excerto 1 traz o relato de FG a respeito de um episódio que narra oscilação de comportamento no cotidiano da pessoa com DA. Na narrativa de FG,

podemos observar a forma que a *normalidade* é construída como objeto de discurso na narrativa de quem convive com alguém portador de Alzheimer.

Na linha 9, o referente ‘normalidade’ da narrativa produzida por FG (linhas 6-7) é retomado por MN por rótulo anafórico que orienta o entendimento de situações cotidianas consideradas normais da mãe de FG. A rotulação promove novas predicções que reinterpretam a informação dada por meio de recategorização lexical do objeto discursivo (Marcuschi; Koch, 2006). Podemos observar esse processo na retomada da situação de normalidade que MN realiza nas linhas 9-10.

O referente ‘normalidade’, instaurado na narrativa de FG, é recategorizado por MN ao retomar o que são situações já conhecidas anteriormente da mãe de FG, que é sua paciente também. A retomada promove a rotulação dos comportamentos da mãe de FG a partir de uma cadeia referencial que predica diretamente o que é enunciado na linha 8 (‘como se na::da tinha tivesse acontecido’), ou seja, a descrição de normalidade mencionada anteriormente. A situação de normalidade é retomada e ratificada por MN como as maneiras que a mãe de FG se apresenta ao chegar ao seu consultório. A cadeia referencial que rotula a *normalidade* é a predição dessas formas de apresentação pessoal da mãe de FG. Podemos observar que no fluxo narrativo a *normalidade* é recategorizada pelos rótulos chegar ‘sozinha’, entrar ‘bem composta’ e ‘bem vestida’, nas linhas 9 e 10. Esses rótulos orientam a construção do objeto de discurso.

Na narrativa de FG, o referente é construído como uma sucessão de fatos do dia a dia. A falas de MN, nas linhas 9 e 23, procuram alterar essa construção discursiva. A predicação do que é apresentar um comportamento normal é o elemento que recategoriza o referente ao direcionar, no curso da interação, a definição da normalidade como uma série de comportamentos cotidianos que são oscilantes no quadro da DA da mãe de FG, conforme pode ser observado no segmento 12-19. A recategorização desse objeto de discurso, nesse ponto da interação, é realizada por meio de predicções dos núcleos do sintagma verbal: vai ‘sozinha’, entra ‘bem composta e bem vestida’, cuida da ‘limpeza do apartamento’ e comentários dela são ‘pertinentes’ sobre política.

A narrativa de FG é construída a partir do tópico *sintomas* de sua mãe que é portadora de Alzheimer. No decorrer do relato, as inquietações em relação às atitudes da mãe de FG instauram um subtópico. Esse subtópico está situado numa mesma camada de organização tópica, na medida em que apresenta relação direta com o tópico principal. É possível observar linhas 6-8 e 12-15, por exemplo, que os tópicos mantêm entre si uma relação de interdependência, conferindo a organicidade tópica por meio dos rótulos que categorizarão os comportamentos na DA.

Neste excerto, a expressão referencial anafórica ‘ela’ na linha 6, (‘FG: eu cheguei do shopping com ela agora::...’) é retomada em toda a interação, estabelecendo uma interdependência entre essa expressão referencial e o tópico principal *sintomas*, retomado apenas na linha 28, (‘FG: por que até que ponto pô minha mãe! será que::...’), que formam um conjunto específico de objetos de discurso, concernentes, relevantes e localizados ao longo da interação.

Excerto 2

47 FG: me chamou atenção é:: que começou é aquela questão de
 48 esquecê:: (SI) nenhum sinal... assim:... de cara
 49 que tu tem que ir atrás pra vê o que tá
 50 aconte[cendo::
 51 MN: [que esquecimento que te chamou tua atenção?
 52 FG: ah:: aquele esquecimento tipo a bolsa:
 53 eu tive que ir no banco fazer os cartões de crédito de
 54 novo... ir na polícia registrar b-o- porque "entraram
 55 no apartamento e roubaram a minha bolsa me levaram meus
 56 documentos pa:pa:pa:"
 57 MN: ela mora em que andar, então?
 58 FG: sexto andar e no segundo dia a bolsa apareceu guardada
 59 dentro do armário::
 60 MN: será que um ladrão ia entrar lá...no apartamento pra
 61 arrombá a porta e depois deixá fechadinha sem
 62 nenhuma marca?
 63 ...será que ia entrá pela na janela no sexto andar ?
 64 FG: ehh sem dúvida nenhuma, né?
 65 MN: né ? alguém ia lá:: buscá exatamente a bolsa dela
 66 e as... as coisas... enfim, e não levar mais nada?...
 67 FG: ... é::
 68 e aquilo me chamou atenção::e depois cheques ela não
 69 conseguia mais preencher três ou quatro cheques na
 70 sequência no mesmo lugar:: e daí eu tinha que ajudar::
 71 MN: perder a capacidade de preencher cheques é função
 72 exaustiva né?
 73 FG: ah...
 74 MN: porque tem aí uma ...lógica
 75 FG: Claro!
 76 FG: mas isso ela não tá conseguindo mas em momentos de
 77 clarividência:::, ela faz
 78 MN: toda perda depois do que a pessoa fazia perfeitamente
 79 antes a gente pode levar pro lado da demência...
 80 FG: que eu tinha pra te colocar era isso e depois eu quero
 81 ver contigo em particular uma outra situação
 82 a princípio seria esse essa:: o meu depoimento
 83 MN: ée.hhh

No Excerto 2, a narrativa de FG tem como tópico principal um episódio que demonstra as mudanças de comportamento de sua mãe devido à DA. Tal tópico foi instaurado pela recategorização do referente 'normalidade'. Uma das características da recategorização é a retomada de um mesmo objeto de discurso "por repetições, designações alternativas, sinônimos ou até termos não sinônimos tornados correferenciais no seu uso, já que a significação é sempre contextualizada" (Jubran, 2003, p. 93). Esse objeto de discurso é retomado correferencialmente. A verificação das situações de esquecimento é a retomada das oscilações de comportamento, a rotulação da normalidade iniciada por FG no Excerto 1.

A partir da linha 51, a indagação de MN inicia a coconstrução da narrativa para especificar quais são as situações de esquecimento vivenciadas pela mãe de FG, isto é, o tipo de esquecimento que caracteriza a oscilação do comportamento. Os turnos de MN, nas linhas 57, 60 e 65, direcionam a narrativa de FG para especificar não só as situações de esquecimento, mas também para dar continuidade à progressão referencial de 'normalidade'. Nas linhas 51, 57, 60 e 65 é possível observar a recategorização feita por MN na narrativa de FG. Esse movimento referencial estabelece o sentido de dois objetos discursivos construídos na interação: os *comportamentos cotidianos considerados normais* e a *percepção dos sintomas da DA*.

As descrições requeridas por MN promovem o acréscimo de novas informações do objeto de discurso, constituindo as especificidades do que é normal ou não nos comportamentos das pessoas com DA. Tais descrições, que são requeridas interacionalmente na narrativa, demonstram as modificações pelas quais o objeto de discurso passa durante a progressão referencial por meio do acréscimo de novos aspectos, seja pela desconsideração de atributos anteriormente expressos, seja ainda pela homologação das transformações pelas quais passou no desenrolar da interação (Marcuschi; Koch, 2006).

A partir da linha 67, a centração tópica da narrativa é constituída pela descrição dos sintomas específicos da DA por MN. As situações relatadas por FG inserem esse subtópico que explora os sintomas específicos da doença (linhas 67-70). Os esclarecimentos do ponto de vista médico, elaborados por MN, colaboram para o fechamento desse subtópico e da narrativa de FG. Nas linhas 76 e 77, há o surgimento de novo subtópico, que tem como núcleo referencial o questionamento dos sintomas da doença, que ocorre a partir da oscilação de comportamento, os *momentos de clarividência*. Nos dois excertos analisados, podemos observar que os rótulos desempenham um papel importante tanto na construção discursiva dos referentes que categorizam os comportamentos de uma pessoa com DA, quanto também no manejo do tópico da narrativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender, por meio das análises das interações, as experiências cotidianas dos familiares de pessoas acometidas pela DA possibilita dar visibilidade à convivência e aos enfrentamentos de desafios desencadeados por uma doença muito investigada, porém, ainda sem formas de cura ou de reversão de suas formas de manifestação.

Nosso intuito na análise empreendida foi demonstrar a influência que os rótulos exercem na constituição de objetos de discurso e no fluxo tópico em um contexto peculiar, nas interações de um grupo socialmente organizado. Do ponto de vista textual-interativo, os rótulos podem propiciar uma compreensão mais apurada da centração tópica e sua relação com os aspectos interacionais de contextos de uso de fala marcados por uma delimitação institucional. Acreditamos que um olhar mais preciso para o papel de rotulação e de recategorização possa revelar como a centração e a organicidade tópica são constituídas nas dinâmicas interativas de grupo, que são domínios empíricos complexos e heterogêneos.

Embora o tópico discursivo e as estratégias referenciais sejam duas noções linguisticamente distintas, no jogo interacional elas não se separam, pois são expressões referenciais que configuram e reconfiguram o tópico no texto/discurso. Dessa forma, noções de objeto de discurso, de tópico discursivo e de referenciação podem constituir um arcabouço teórico-metodológico adequado para uma análise que congregue aspectos textuais e interativos de narrativas que são contextualizadas em uma determinada situação de fala.

Do ponto de vista textual-interativo, essas noções propiciam uma compreensão mais apurada das estratégias referenciais em contextos de uso de fala marcados por uma delimitação institucional. Acreditamos que um olhar mais preciso

para o papel dos elementos textuais possa revelar como a narrativa é construída nas dinâmicas interativas de grupo, que são domínios empíricos complexos e heterogêneos, um interesse também presente no campo de estudos da narrativa oral. Para a análise de textos conversacionais, especificamente as narrativas, é necessário considerar a simbiose da referenciação e do tópico para compreender os fenômenos semânticos e textuais que ocorrem no curso das interações face a face, sobretudo, em grupos marcados por traços de institucionalidade e por propósitos sociais.

REFERÊNCIAS

- Burlá C, et al. Panorama prospectivo das demências no Brasil: um enfoque demográfico. *Ciênc. saúde coletiva*. 2013;18(10):2949-2956. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013001000019>.
- Camarano AA, Kanso S. Perspectivas de crescimento para a população brasileira: velhos e novos resultados. Rio de Janeiro: Ipea; 2009. (Texto para Discussão, n. 1.426). [citado 14 jul. 2016]. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4735.
- Carvalho JAM, Garcia RA. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. *Cad Saúde Pública*. 2003, Mai/Jun;19(3):725-33.
- Cruz FM. Linguagem, interação e cognição na doença de Alzheimer [tese]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem; 2008.
- Esteves GAT. Rotulações em textos jornalísticos: construção de imagens e de pontos de vista. *Revista Diadorim (Rio de Janeiro)*. 2009;6:149-164.
- Huff FJ, Corkin S, Growdon JH. Semantic impairment and anomia in Alzheimer's disease. *Brain and Language*. 1986;28(2):235-249. [citado 16 jul. 2016]. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0093-934X\(86\)90103-3](https://doi.org/10.1016/0093-934X(86)90103-3).
- Izquierdo I. Memória. Porto Alegre: Artmed; 2002.
- Jubran CCAS. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cad Est Ling*. 2006(a), Jan/Jun;48(1):33-42.
- _____. Tópico discursivo. In: Jubran CCA, Koch IGV, organizadoras. Gramática do português falado culto no Brasil: a construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp; 2006(b); vol. 1.
- _____. O discurso como objeto de discurso em expressões nominais anafóricas. *Cad Est Ling*. 2003, Jan/Jun;44:93-103.
- Koch IGV. Como se constroem e reconstroem os objetos do discurso. *Investigações*. 2008;21(2):99-114.
- _____. Referenciação e orientação argumentativa. In: Bentes AC, Koch IGV, Morato EM, organizadoras. Referenciação e discurso. São Paulo: Cortez; 2005. p. 33-52.
- _____. Introdução à Linguística Textual. São Paulo: Martins Fontes; 2004.
- Koch IGV, Cunha-Lima ML. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: Mussalin F, Bentes AC, organizadoras. Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez; 2004. p. 251-300.

Koch IGV, Penna MAO. Construção e reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual. *Cad Est Ling*. 2006 Jan/Jun;48(1):23-31.

Koch IGV, Urbano H, Jubran CCA. Organização tópica da conversação. In: Ilari R, organizador. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp/Fapesp; 1992. (Vol. 2, Níveis de análise linguística).

Marcuschi LA. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática; 1998.

Marcuschi LA, Koch IGV. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: Abaurre MBM, Rodrigues ACS. *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp; 2006. (Vol. VIII, Novos Estudos Descritivos).

Mira CCCR. Conversação nas afasias: uma análise do tópico discursivo e do turno conversacional sob a perspectiva textual-interativa. *Ling em (Dis)curso (Tubarão)*. 2016, Abr;16(1):133-152. [citado 08 de ago. 2016]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-160107-4015>.

_____. *Afasia e interação: uma análise da dinâmica de turnos e da gestão do tópico nas práticas conversacionais de sujeitos afásicos e não-afásicos*. [tese]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem; 2012.

Mondada L, Dubois D. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: Cavalcante MM, Biasi-Rodrigues B, Ciulla A, organizadoras. *Referenciação*. São Paulo: Contexto; 2003. p. 17-52.

Morato, E. Referenciação metadiscursiva no contexto das afasias e da doença de Alzheimer. *Letras de Hoje*. 2012;47(1):45-54.

Organização Mundial da Saúde (OMS). *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Trad. Caetano D, Domingues M, Marcolin MA. Porto Alegre: Ed Artes Médicas; 1993.

Teixeira, JB, et al. Doença de Alzheimer: estudo da mortalidade no Brasil 2000-2009. *Cad. Saúde Pública* [Internet]. 2015;31(4):850-860. [citado 20 dez. 2017]. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00144713>.

Veras R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. *Rev Saúde Pública*. 2009;43(3):548-554.